



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JAQUELINE DE LIMA MACHADO

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-564

Entrevistada: Jaqueline de Lima Machado

Nascimento: 26/04/1991

Local da entrevista: Residência da entrevistadora, Porto Alegre

Entrevistadora: Claudia Yaneth Martínez Mina

Data da entrevista: 08/06/2015

Transcrição: Gustavo Henrique Ribas Bernardi

Copidesque: Claudia Yaneth Martínez Mina

Pesquisa: Claudia Yaneth Martínez Mina

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 41 minutos e 07 segundos

Páginas Digitadas: 19 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Claudia Yaneth Martínez Mina intitulada *Os significados dos futebóis na trajetória de vida de atletas da equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.*

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no esporte; Apoio e incentivo familiar; Futsal nas aulas de Educação Física; Futsal no Ensino Médio; Formação esportiva; Equipes que atuou; Competições; Dificuldades na prática esportiva do futsal; Significados relacionados com a prática esportiva do futsal; Motivação; Futsal universitário; Inserção na equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Apoio institucional.

Porto Alegre, 08 de junho de 2015. Entrevista com Jaqueline de Lima Machado a cargo da pesquisadora Claudia Yaneth Martínez Mina para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M – Boa tarde Jaque. Muito obrigada por aceitar o convite para falar sobre sua vida. Vamos começar fazendo uma pergunta fundamental para compreender como você começou a jogar: Eu quero saber quais são as lembranças sobre a primeira vez que você bateu uma bola? Como o futebol ou futsal apareceu na sua vida?

J.M – As primeiras lembranças que eu tenho é do meu pai quando eu era muito nova, tinha uns quatro anos e ele sempre me levava para o futebol quando ele ia jogar. Ele me levava e eu sempre ficava do lado do campo jogando bola e esperando a hora que ele ia terminar o jogo para jogar bola comigo.

C.M – E depois você começou a jogar?

J.M – Aí eu comecei a me interessar. E no colégio, fiquei jogando com os meninos no começo, no pré, na primeira, segunda e terceira série que a gente não tinha muita Educação Física. Sempre que dava, a gente jogava com os meninos, mesmo no colégio.

C.M – Você jogava ainda na escola?

J.M – Muito pouco. Quando criança era muito pouco assim. Não gostava de jogar na rua era mais no colégio mesmo.

C.M – Porque não gostava?

J.M – Porque na rua eu não tinha muitos amigos onde eu morava. Então tinha um ou outro e quando tinha, eu e mais um, a gente ficava jogando bola só entre nós no pátio de casa nos fundos.

C.M – Nessa época qual era o principal motivo pelo qual você jogava futsal ou futebol?

J.M – Eu acho que eu gostava. Era uma das brincadeiras que eu mais gostava. Era de jogar e não me interessava muito pelas outras... O fato de estar correndo e atrás, driblando, dando risada era engraçado. Era divertido.

C.M – Você só praticava futebol ou tinha outros esportes que também que gostava?

J.M – Só quando eu tinha que jogar alguma outra coisa no colégio, às vezes: “Ah, hoje não vai ser futebol, vai ser outro”. Aí eu jogava tudo bem, mas o preferido era o futsal ou futebol na rua, na calçada.

C.M – Alguém da família incentivava você para fazer essa prática? De que jeito?

J.M – O meu pai. Ele sempre me levava no futebol. Ele não levava minha irmã, nem meu irmão, era sempre eu. Eu sou a mais nova, então, eu brinco que sobrava para mim sempre. Ele me levava porque ele sempre gostou muito de jogar, e a diversão dele era sábado e domingo, jogar futebol com os amigos, aí ele me levava junto.

C.M – E alguém da família não gostava que você jogasse?

J.M – Não, acho que nunca tive alguém que não gostasse. Minha mãe também sempre gostou e ela não me levava porque ela não jogava, mas ela sempre gostou e ia junto às vezes.

C.M – Você nessa época alguma vez sonhou com que o futsal fosse a sua profissão?

J.M – Acho que todo mundo sonha nessa época, tu fica pensando: “Quando eu crescer eu quero jogar que nem fulano, que nem ciclano”. E agora a gente sabe que não dá, mas naquela época a gente não conhece, a gente não sabe, era o sonho de todo mundo querer jogar em seleção, querer jogar em time profissional mesmo não conhecendo até times que tinha visto, mas de repente, como a gente via que tinha no masculino a gente: “Deve ter no feminino também”.

C.M – Você estudou numa escola pública ou particular?

J.M – Pública.

C.M –Você também jogava futsal nessa escola?

J.M – Jogava. Principalmente no recreio.

C.M – Como era essa experiência de jogar no recreio?

J.M – A gente não tinha bola no recreio, então, a gente jogava com latinha de Coca Cola na terra. Era um espaço pequeno até porque não tinha uma quadra de futsal... No colégio tinha um pátio, mas não tinha quadra com goleira e essas coisas assim. Então a gente delimitava ali pegava umas pedras no chão, botava, fazia as goleiras, uma latinha e jogava todo mundo junto. Escolhia o time rapidinho porque o recreio era pouco, e ficava jogando com uma latinha na terra.

C.M – E com quem jogava?

J.M – Com os meninos. Sempre.

C.M – Com meninas não. Por que?

J.M – Não. Porque não tinha meninas que jogavam.

C.M – Não gostavam?

J.M – Não gostavam. Elas não gostavam.

C.M – E como era naquela época as aulas de Educação Física?

J.M – Como a gente não tinha a quadra de futebol, nossa Educação Física era dividida na semana, então, em um dia a gente não saía do colégio, a gente ficava no colégio jogava

newcon¹, ou vôlei, fazia outras atividades no pátio, tinha uma tabela só de basquete, então, às vezes, a gente jogava basquete, newcon, mais ou menos, corria obstáculo, aquelas coisas todas. E no outro dia a gente ia para uma quadra pública que tinha perto do colégio que tinha mais tempo de aula, aí a gente descia até a quadra pública e lá tinha várias quadras. Então, lá podia praticamente jogar o que tu queria porque tinha bastantes quadras, e aí eu ficava sempre jogando futebol, às vezes uma ou outra guria ia junto assim, mas era muito pouco.

C.M – Essas aulas geralmente como eram distribuídas? Vocês faziam qualquer atividade ou eram dirigidas por um professor?

J.M – É, era uma professora e ela nos levava para lá, e ela arrumava mais ou menos os times. Ela arrumava muito por cima, a gente chegava e ficava jogando, não tinha muita regra, a regra era mais ou menos a gente a que fazia para as escolhas das atividades, era mais jogo só, direto.

C.M – Vocês eram quem escolhiam o esporte?

J.M – Sim.

C.M – E geralmente escolhiam...?

J.M – Geralmente o futsal.

C.M – As meninas também?

J.M – As meninas não. As meninas ficavam sentadas muitas delas e outras ficavam jogando vôlei.

C.M – E você não jogava vôlei. Sempre jogava futsal?

¹ Jogo pré-desportivo de voleibol com algumas variações.

J.M – Sempre jogava futsal.

C.M – Elas não falavam alguma coisa para você?

J.M – Não. Não que eu me lembre agora. Não tenho isso guardado.

C.M – Na escola incentivavam de alguma maneira a prática de futsal?

J.M – Não, eles não incentivavam nem desmotivavam, se tu escolhia tu ia e jogava. Nessa escola no fundamental, a gente não tinha aqueles que iam para fora da escola, por exemplo, jogar outros campeonatos, não faziam porque ia ter uma ou duas não ia ter muito interesse, então não motivava.

C.M – Quando você estava na escola qual era o principal motivo para jogar?

J.M – Acho que era para me divertir mesmo, porque a gente ficava muito tempo sentado lá estudando. Tinha que prestar atenção, aí o momento que a gente tinha de descontração queria estar correndo e fazendo alguma coisa.

C.M – Quais foram as experiências mais significativas que você lembra sobre a prática de futsal ou futebol na escola?

J.M – As experiências... [PAUSA]

C.M – As experiências mais significativas dentro da escola?

J.M – Sim. Eu lembro que uma das coisas que a gente jogava na terra, era muito engraçado, porque a gente pegava uma latinha de Coca Cola e ficava jogando. Depois lá pela sétima ou oitava série tinha mais uma ou duas meninas que começaram a jogar e jogavam comigo, mas aí elas jogavam direitinho e tal, mas às vezes, não queriam jogar na terra junto. Elas geralmente eram de outra turma, então, a gente conseguia fazer interséries, a gente conseguia fazer dois times porque eu estava numa turma ela estava na outra, então ela juntava o time dela, era sempre o meu contra o dela, mas a gente era muito amiga.

Então a gente jogava e depois disso saía para fora do colégio. Nunca teve time, nunca nem sabia que existia nessa época jogos escolares, essas coisas assim.

C.M – E esses times que vocês formavam eram mistos ou eram só meninas?

J.M – Para interséries eram femininos. Tinha masculino e tinha feminino, só que feminino só tinham dois times e masculino tinham vários times. Mas no recreio era só eu no meio dos guris jogando.

C.M – Você continuou fazendo o Ensino Médio nessa mesma instituição?

J.M – Não, eu mudei. Mas era na frente desse.

C.M – Também era pública?

J.M – Eu fiz dois anos... Três anos pública e eu fiz quatro anos de Ensino Médio. Fiz três anos de escola pública e um ano de particular, o último no particular.

C.M – Quando você passou para o Ensino Médio continuo jogando futsal?

J.M – sim.

C.M – Com quem?

J.M – Na primeira escola que eu fui que fiquei dois anos, tinha a equipe do colégio que disputava os jogos escolares. E logo que eu entrei, como eu já estava jogando num time fora, muitas gurias estudavam nesse colégio também, então eu entrei e já conhecia as meninas que jogavam e tudo mais, e tinham treinos separados da educação física e eu conhecia elas, logo que eu entrei, já entrei para o time junto. Tinha ali uma peneira muito fraquinha que eu fiz.

C.M – No ensino médio se incentivava mais a prática de futsal ou era igual na outra escola?

J.M – Na verdade incentivo acho que a gente nunca teve. A gente sempre teve que correr atrás mesmo, só que no ensino médio como tinha as meninas mais velhas quando eu entrei, pelo menos elas já sabiam que tinha tais jogos, tinha tais jogos e a gente tinha que preparar a equipe, tinha que falar com o professor, levar a equipe para o professor. Aí o professor nos levava nos jogos, dava uniforme, essas coisas assim os professores nos davam. Mas a gente tinha que correr atrás bastante das coisas, tinha que montar equipe, chamar o pessoal para treinar, essas coisas assim era mais a gente que fazia. Sempre as gurias que eram mais empenhadas, que gostavam mais de futebol eram que corriam atrás do resto.

C.M – Representaram a escola?

J.M - A escola.

C.M – E como foi essa experiência?

J.M – Acho que cada ano a gente deve ter jogado acho que dois ou três torneios escolares, e a nossa escola é a maior escola que tem em Santa Maria² pelo número de alunos; então era bem conhecida. A gente já tinha uma fama, digamos assim, mas a gente não ganhou nesses dois anos nenhum dos campeonatos. A gente ficou em segundo em praticamente todos, e a gente perdeu sempre para uma outra equipe que também era escola pública, mas que estava... Que era muito, muito bem treinada, que a gente até *bah!*.. Elas eram muito bem treinadas, e o resto tinha escolas particulares, públicas, mas o resto a gente conseguia ganhar, essa era muito difícil e era sempre a gente nas finais.

C.M – Nessa época qual era o principal motivo para você jogar?

J.M – Acho que bastante pelas amizades que a gente faz por estar jogando, por já saber jogar e gostar de competir, gostar de estar treinando com um objetivo de uma competição, depois chegar lá e ver qual é o resultado. Mas o clima que eu gosto de estar treinando, está

² Cidade do Estado do Rio Grande do Sul.

todo mundo junto e de união que tem nas equipes geralmente, é mais por isso que eu gostava dos treinos e de jogar futebol.

C.M – Esses treinos como eram?

J.M – Nossos treinos... A gente teve acho que uns dois professores e aí mudava um pouco. O primeiro professor ele deixava bastante também para nós: “Vocês sabem como é que fazem o treino?” Ele sempre estava ali orientando alguma coisa, mas ele não era do futsal, então, a gente via que ele não tinha como ajudar muito. E aí depois entrou um outro estagiário que também não era do futsal, mas ele era pelo menos mais engajado, ele queria ajudar de alguma forma, mesmo talvez, não sabendo. Então, ele fazia alguns exercícios para a gente fazer durante os treinos e tudo mais. Especificava mais as posições: “Essas aqui vão jogar aqui atrás, outras jogam na frente...” E ele dava um pouco mais de auxílio para a gente nos treinos.

C.M – No Ensino Médio, quais experiências significaram mais para você nessa época?

J.M – Ah, do Ensino Médio todo foi engraçado porque sempre estudei em colégio estadual, e o último ano fiz num colégio privado. Aí, quando meu pai falou: “Você vai estudar lá no colégio tal, no Objetivo³”. Aí fiquei pensando: “Deve ser legal, deve ter equipe de futebol” porque na segunda escola no Ensino Médio a gente não tinha também, eu não competia porque foi lá em São Paulo e eu estava morando lá em São Paulo. E aí a gente não competia. Tinha Educação Física, era muito ruim e tal e não tinha time. Aí quando eu mudei de colégio eu pensei: “Deve ter quadra e tal, deve ter uns negócios legais, equipe e tal...” E quando eu entrei não tinha nem Educação Física no colégio, era só estudo, estudo, estudo. Não tinha Educação Física, não tinha equipe, não tinha nada. Então, eu fiquei decepcionada e no meu Ensino Médio eu me lembro disso. Então, a melhor parte do meu Ensino Médio foi quando eu fiz em Santa Maria, que foi esses dois anos, por causa que a gente sempre estava treinando, estava jogando e não parava nunca.

C.M – Você em quais times jogou futsal? Jogou futebol alguma vez?

J.M – Joguei futebol em um dois ou três treinos digamos assim, e não gostei muito, porque como eu era nova de idade e nova na equipe também, não tinha... Era nova na modalidade, era diferente para mim. Então, eu errava muita coisa e o treinador queria pessoas mais prontas digamos assim, então ficava na pior posição, sempre no time mais fraco, e aí me desmotivou muito, porque eu não conseguia fazer nada e não era divertido para mim, aí eu parei de jogar o futebol. E no futsal joguei... Comecei a jogar mais sério em Santa Maria com treze ou quatorze anos, quando jogava em uma equipe, aí tinha treinador, aí era bem certinho, ele nos ensinava as coisas e tal. Mas eu sempre, como eu era a mais nova também, sempre na reserva ali e entrava pouco tempo, fiquei até uns dezesseis ou dezessete anos, dezesseis anos eu acho, nessa equipe. Aí eu saí, eu fui para São Paulo e lá eu joguei numa equipe sub dezoito de futsal, que era da cidade. Aí o técnico falou: “Não, vai jogar no...” Eu tinha dezessete ou dezoito anos, falou: “Não, vai jogar no adulto”. Aí treinei com elas no adulto, só que era muito diferente do Sub-18 para o adulto porque era exatamente o mesmo treinador do campo. Então, quando cheguei no adulto futsal ele queria que eu estivesse pronta já, e eu não tinha muita base embora eu tinha jogado em Santa Maria tinha muitas coisas, o nível era muito maior, a exigência era muito maior. Eu também não fiquei muito tempo nesse, porque ele não estava ali para ensinar, ele estava ali só para cobrar, na verdade tinha que chegar sabendo tudo e como eu não sabia muito também não fiquei muito tempo. Joguei bastante no Sub-18, mas no adulto não fiquei muito tempo, então, não cheguei, nem fui a nenhuma competição pela equipe da cidade, mas treinei lá. Depois, logo saí de lá e fiz vestibular na UFRGS⁴, passei, aí mesma coisa: fiquei pensando só na equipe para ver como é que é a equipe da UFRGS. Fiz a peneira, fui atrás, corri, perguntei para o pessoal... Fiz a peneira e passei e, de 2010 até agora eu estou na UFRGS. No final de 2010 o técnico da UFRGS me convidou para jogar no São José⁵, que ele montou um time para jogar o Campeonato Estadual⁶, eu fui e fiquei no São José 2010 e 2011. Em 2012 a gente uniu o time a uma outra equipe O Garrincha⁷ de Gravataí⁸, aí joguei 2012 pelo Garrincha e ganhamos o Estadual. Aí no outro ano, essa equipe do

³ Colégio Objetivo Supletivo de 1º e 2º Graus.

⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁵ Esporte Clube São José.

⁶ Campeonato Estadual de Futsal Feminino do Rio Grande do Sul.

⁷ Associação de Futsal Feminino Garrincha.

Garrincha se desfez e a gente montou uma nova equipe, a APF⁹, que era mais ou menos as mesmas gurias, e jogamos o Estadual ganhamos também. Mas eu saí um pouquinho antes de acabar o Estadual eu saí. Aí eu parei de jogar em outras equipes, fiquei só na UFRGS, mas todo esse tempo eu jogava na UFRGS e nas outras equipes.

C.M – Por que você saiu?

J.M – Porque no APF começou a ter muita conversa assim paralela, tipo, muita fofoca, picuinha, coisa que não estava acontecendo. E o técnico vinha perguntar para mim o que estava acontecendo, que as gurias falavam para ele que eu dizia uma coisa e era mentira, essas coisas assim tipo de fofoca, e aí eu não queria saber, vou me embora que vou ficar melhor.

C.M – E como foram essas experiências de jogar. Esses são times profissionais se pode dizer assim? Como foram essas experiências nesses times?

J.M – Ah, foram boas eu acredito porque quando eu fui jogar nessas equipes eu já conhecia as pessoas, pelo menos uma parte das pessoas que estavam ali. Por exemplo, quando... Lógico, quando eu entrei na UFRGS eu não conhecia ninguém, mas aí durante 2010 eu fui conhecendo o Frejat¹⁰ que era o técnico, o Jeff¹¹ e aí eles fizeram o São José... Eles fundaram uma equipe de futsal feminino - o São José - e me convidaram, então, eu já conhecia a comissão. A maioria das gurias que estavam no São José eram gurias da UFRGS, a maioria quase toda a base eram gurias da UFRGS, então, eu estava num ambiente bem melhor do que das outras vezes por conhecer todo mundo. Todo mundo assim te trata bem, te ajuda no que tu precisa, te ensinam as coisas que tu não sabe ou até pede ajuda para ti nas coisas que eles precisam. Aí foi passando do São José, isso passou para o Garrincha, mudou um pouco as gurias, mas tinha brigas ali dentro ainda na comissão também. Depois para APF que ficou mais difícil, porque aí tinha algumas amigas, mas a comissão mudou bastante e foi ficando mais difícil por causa das amigas,

⁸ Gravataí é uma cidade brasileira do Estado do Rio Grande do Sul.

⁹ Associação Porto-Alegrense de Futebol.

¹⁰ Rafael Nascimento Pereira.

eu diria assim, da convivência da equipe, do grupo. Não era uma coisa tão unida quando a gente tinha antes. Isso a gente sempre até conversava, que no São José a gente era muito mais unido do que nas outras duas equipes que a gente montou. A gente chamou muita gente de fora também e acho que é isso.

C.M – Você treinou alguma vez em alguma escolinha?

J.M – Quando eu era criança eu tinha uns oito ou nove anos, eu treinei numa escolinha de futebol sete, mas eu fiquei acho que uns seis meses se não me engano, porque daí eu troquei o turno do colégio e eu treinava, acho que a tarde, e eu comecei a estudar a tarde, aí eu não podia mais ir na escolinha. Fora isso de escolinha não.

C.M – E você porque ingressou nessa escolinha?

J.M – Meu pai me levou. Meu pai que achou tanto essa escolinha ele jogava futebol sete lá nesse lugar. Ele viu que [TRECHO INAUDÍVEL] e ele montou uma escolinha de futebol feminino, de futebol sete. Aí meu pai viu e falou: “Já que tem lá, tu quer ir?” E aí eu fui com ele. As meninas também eram bem mais velhas, mas a gente jogava tranquilo e quando eu entrei na equipe que era uma equipe que eu joguei, também foi meu pai que achou e ele que me levou.

C.M – Você porque não treinou em outras escolinhas de futsal, por exemplo?

J.M – Porque não tinha muitas. Era difícil tu achar uma escolinha de futsal e de futebol para minha idade porque eu comecei bem cedo. Sempre joguei com as mais velhas e aí quando meu pai achava ele me levava. Eu não era muito de procurar, não era tão independente para ir procurar e saber, mas foi sempre ele que me levou.

C.M – Não tinha escolinhas masculinas também não?

¹¹ Jefferson Dickel.

J.M – Não sei. Não sei te dizer. Da de futebol sete eu não me lembro. Quando na equipe que eu joguei... Quando eu tinha treze anos o nome da equipe era Grêmio¹², que era mais ou menos uma filial de Santa Maria do Grêmio, mas também não tinha muita ligação. E ele não tinha, era só futebol feminino, só futsal feminino no caso.

C.M – Na escolinha?

J.M – Na escolinha. Eram treinos bastante técnicos até pelo que eu me lembro. De técnica, o técnico se importava bastante com a gente. Ele preparava os treinos, nos treinava, ele dava dicas, corria bastante atrás, até porque a gente estava pagando por aquilo ali. Nos outros lugares geralmente não paga, então, o pessoal não dá tanto valor. Ali ele era bem compromissado, a gente fazia desafio no final do treino, era bem divertido. Desafio contra ele e era um ambiente bem legal, fora que eu era a mais nova também, sempre era a mais nova.

C.M – Quantos anos você tinha?

J.M – Nove anos eu acho.

C.M – As pessoas que dirigiam os treinos da escolinha eram homens?

J.M – Sim, eram homens.

C.M – Não tinham professoras?

J.M – Não tinham professoras.

C.M – Essa tinha meninos também?

J.M – Não essa equipe não. Era só meninas. Não sei se tinha uma equipe masculina, não sei.

¹² Grêmio Foot-Ball Porto Alegre.

C.M – Como era a sua relação com as colegas da escolinha?

J.M – Era boa. Eu sempre na real, fui tímida. Nessa escolinha eu não tinha muita relação com elas até não vou me lembrar, me lembro de poucas e não sei nem o nome delas mais. Não conversava muito com elas, porque meu pai sempre me levava nos treinos, então ele me levava e eu ficava ali com ele até a hora do treino. Aí começava o treino, eu entrava, jogava e fazia ali minha parte, saía do treino e ia embora com meu pai. Então, não tinha uma relação pré ou pós-treino ou até no meio, eu não falava muito, mas era uma relação boa, mas não tinha muita relação, mas a que eu tinha era boa.

C.M – Como foi essa experiência dentro dessa escolinha? Como pode descrever essa experiência?

J.M – Eu acho que foi boa, se eu pudesse eu teria continuado. Só não continuei porque eu tive que trocar o horário do colégio, aí essa escolinha só tinha um turno não tinha outro inverso, e eu gostava muito de estar lá, porque o técnico dava bastante noção para gente, principalmente quem estava começando, e até a gente fez amistosos que foram bons no sentido que ele estava ali nos ajudando, tentando nos levar para frente, nos ajudar no esporte mesmo. Então não tenho do que reclamar eu acho que foi muito bom.

C.M – Bom agora vamos falar sobre o time da UFRGS. Você como conhece o time da UFRGS?

J.M – Nos primeiros dias de aula eu já saí perguntando para todo mundo. Para as pessoas que eu conversava mais, se a UFRGS tinha equipe e como é que fazia para entrar. Algumas pessoas falavam: “Não, a equipe da UFRGS é uma panela é difícil de entrar, tu não consegue”. Aí uns dias depois eu já vi que tinha nos murais da ESEF¹³, tinha as plaquinhas dizendo que ia ter peneira da UFRGS e tal, o e-mail dos guris, do Frejat e do Jeff. Aí eu mandei e-mail para o Frejat e perguntei como é que era e tal, aí ele falou: “É só aparecer e trazer o seu material de treino e faz a peneira, aí se tu passar tu esta dentro”. Foi mais ou menos assim que eu conheci.

C.M – Você depois você foi para a peneira...?

J.M – Eu fiz a peneira e passei, eu e a “Lu”¹⁴ se não me engano, e aí continuei treinando com a equipe.

C.M – Em que ano foi?

J.M – Foi em 2010.

C.M – O que motivou você para fazer parte dessa seleção na universidade?

J.M – Eu acho que na realidade eu já tinha uma expectativa, quando eu fiz para entrar numa equipe, porque eu imaginava que teria uma equipe, que eu não conhecia a equipe. Mas eu imaginava que teria uma equipe, era uma esperança que eu tinha eu acho, tipo: “Espero que eu tenha uma equipe e tal”. Quando eu soube que tinha e era só fazer, eu até fiquei com medo... Tipo: “Tem que fazer a peneira!” E aí fiquei: “Será que vou passar?” E aí fiquei dando assim. Aí, quando eu soube que tinha e que era sério, porque tipo, tinha peneira, tinha tudo, eu pensei acho que vai ser legal. E logo no começo nos primeiros treinos, eles te ensinavam bem direitinho o que tinha que fazer e como é que tinha que marcar, como é que atacava, como é que passava e era muito didático, coisas que não tinha nos outros. Eu não tive nas outras equipes que eu passei, e eu acho que isso é nova experiência, que eu fiquei, porque no começo quando eu entrei eu era reserva, aquela coisa toda, mas tu vai... Eu fui aprendendo no decorrer dos anos e as pessoas ensinam realmente como é que você tem que jogar. Não nos outros times que não tem isso, acho que foi isso motivação por estar bem estruturado e por ensinarem mesmo como jogar.

C.M – Além dessas que já falou acha algumas diferenças na prática de futsal do Ensino Médio e agora na universidade?

¹³ Escola de Educação Física.

¹⁴ Luana Rosseto.

J.M – Têm diferença porque no colégio no Ensino Médio os professores que estão ali eles não estão preocupados se a equipe vai ganhar, se a equipe vai desempenhar bem. Eles levam porque as gurias querem jogar. As gurias querem jogar, então, a gente vai levar, como se fosse levar para um passeio na verdade. E na equipe da UFRGS, eu acho que ela é uma equipe diferenciada até de todas as outras, que quem está ali quer que as pessoas aprendam a jogar, quer que as pessoas desempenhem o seu máximo dentro de quadra cada vez que entra, e está preocupada mesmo se tu está rendendo ou se tu não está rendendo, se tu pode render mais ou não. Então tem uma preocupação muito maior contigo, com cada uma e com o grupo todo do que no ensino médio. No Ensino Médio eles não se preocupam se tu está bem ou não está bem, se jogou bem ou não jogou bem, só te levam.

C.M – A Universidade apoia o time da UFRGS?

J.M – Eu acho que a Universidade apoia bastante o time da UFRGS, não temos o que reclamar, comparando com outras universidades, lógico, a gente sempre sabe que poderia ter mais, mas eu acho que o que a gente tem já está de bom tamanho. Ninguém paga nada para estar ali e recebe tudo que a gente quer; viagem se a gente quer, alojamento se a gente quer jogar em outra cidade, a gente consegue. Uniforme a gente consegue, treinador, quadra boa, bola, tudo impecável, não tem o que reclamar a universidade dá bastante apoio em quanto a isso.

C.M – Quais foram as experiências mais significativas de você dentro do time da UFRGS?

J.M – Eu acho que quando eu entrei no time da UFRGS estava.... Comecei a morar em outra cidade, eu vim para Porto Alegre para estudar na UFRGS e eu tive muitas amizades dentro do time da UFRGS, e são amizades que eu não tenho com o curso da Educação Física por exemplo. As amizades mais fortes que eu fiz, foi com as pessoas que estavam jogando comigo e não as que estavam estudando comigo por exemplo. Então, desde o começo, quando eu entrei, eu era muito tímida e tudo mais, mas depois a gente vai se soltando e conhecendo as pessoas. E em relação ao time mesmo, tive experiências, que foram de passar as barreiras que a gente tinha, de conseguir alcançar os objetivos que a gente estabeleceu do decorrer dos anos, a gente foi conseguindo manter o nível muito bom

e subir cada vez mais, escalando e conseguindo chegar ao topo, que foi quando a gente conquistou os dois principais campeonatos universitários que a gente disputou, que a gente disputa todos os anos, e acho que essas foram as experiências de conquistar que a gente construiu durante muito tempo, e as outras experiências são as amizades que ficam, que a gente carrega junto.

C.M – Só para não esquecer essa pergunta. Você jogou em times estaduais, esses times têm patrocinadores?

J.M – Assim, se eu não me engano a gente tinha, mas os patrocinadores não eram suficientes para bancar o que a gente conseguia. Se a gente precisava de, sei lá, cinquenta mil durante o ano todo, o patrocínio deu dois, três, quatro mil, por exemplo, e o resto a gente tinha que correr atrás.

C.M – Mas quando vocês participavam desse campeonato tinha que pagar alguma coisa?

J.M – Eu nunca paguei nada, mas a gente tinha que conseguir dinheiro. A gente tinha que fazer rifa, a gente fazia festa, a gente fazia muitas coisas para conseguir o dinheiro para estar lá, mas eu nunca paguei nada. Os técnicos e a comissão técnica faziam de tudo para que as atletas não precisassem pagar nada, então a gente não pagava nada. Eles tiravam do bolso deles, corriam atrás de patrocínio e faziam rifa, festa, e com tudo isso a gente conseguia juntar o dinheiro para gente conseguir competir.

C.M – Vocês ganharam alguma vez o campeonato?

J.M – A gente ganhou duas vezes.

C.M – E qual era a premiação?

J.M – A premiação era troféu [RISO], e medalha, se não me engano. Não sei se tinha premiação em dinheiro, acredito que não.

C.M – Esse é o campeonato mais importante?

J.M – Do estado, sim.

C.M – Então, vamos falar sobre o significado que tem o futsal para sua vida. O que significa para você praticar futsal?

J.M – Para mim, acho que significa tudo. Acho que minha vida é, pelo menos as minhas emoções e expectativas, foram em torno do futsal. Eu sempre fazia de tudo para estar jogando. Por exemplo, quando eu troquei de cidade eu fiquei muito triste porque ia ter que largar o futsal, pelo menos ali eu estava jogando. Aí, quando eu mudei, eu ficava pensando: “E agora, onde será que tem, vou ter que sair atrás”. E corri, procurei, vi que na cidade tinha. Então, a minha vida gira em torno do futsal, eu faço de tudo das minhas escolhas pessoais para estar jogando, estar podendo jogar, nunca deixar de jogar.

C.M – Você pode descrever a sua experiência como mulher que joga futsal?

J.M – Às vezes, eu acho que é um pouco frustrante, por exemplo, por talvez ter um nível bom de futsal e não poder estar vivendo daquilo como os homens vivem. Por exemplo, eu acho que até para o homem, às vezes, é mais frustrante jogar, ser jogador, do que para mulher, porque tu imagina, sei lá, menos de 1% dos homens que jogam futsal chegam ao profissional, conseguem. Então, tem muita gente que queria estar lá, mas não está, mas OK, está jogando a bolinha dele. Só que para as mulheres isso é diferente! Vamos dizer que 100% conseguem chegar ao profissional. Talvez, não ganhem dinheiro com isso, muito dinheiro, mas eu acho que então, às vezes, tu pensa: “Eu poderia estar jogando se a gente tivesse o mesmo apoio que o masculino, eu poderia estar jogando futebol profissional e estar me sustentando, e fazer realmente da minha vida o futsal”. Então, é um pouco frustrante por causa disso, mas vendo por outro lado tudo que eu tenho, é o futebol, os amigos que eu tenho, aonde eu estou morando agora, o curso que eu estou fazendo, é tudo pelo futsal, por causa dele.

C.M – O que o futsal trouxe de melhor para sua vida?

J.M – O que de melhor o futsal trouxe para minha vida. São coisas, as amizades que o futsal me trouxe, acho que a condição física de até de saúde o futsal me trouxe; proximidade, por exemplo, com meu pai o futsal me trouxe. Isso que eu escolhi, foi bastante vendo que eu praticava futsal e era o que eu gostava, e acho que essas são as principais coisas. As principais alegrias que eu tenho são do futsal, e eu acho que é isso.

C.M – Você acha que tem algum aspecto negativo dentro da experiência com a prática de futsal?

J.M – Eu acho que não. Não vejo nenhum aspecto negativo. Talvez pela lógica que o tempo que eu me dediquei ao futsal que eu poderia ter me dedicado para fazer outras coisas e poderia fazer coisas boas, eu não sei justamente por que eu estava no futsal, mas eu acho que isso não chega a ser um aspecto negativo é uma escolha.

C.M – O que significou o futsal para você e o que significa agora?

J.M – Ah, o que significou. Tipo quando eu era mais nova, naquela época a gente jogava mais pelo prazer do jogo, para estar correndo, estar rindo, de estar jogando bola, de ganhar, de perder e de fazer o gol. E era tudo, acho que mais bonito do que é agora, agora a gente vê que tu tem muito mais obrigações do que felicidades dentro do futebol, por exemplo. Para tu estar naquela competição e ganhar os jogos, e fazer os gols que tu fazia quando tu era criança, todo dia praticamente, tu tem que treinar muito durante o ano, e tem treinos que tu chega e tu te estressa muito no treino, porque é muita cobrança, e cobrança para ti, e como tu está sendo cobrada, tu quer cobrar os outros também, então, agora é muito mais sério o futebol do que antigamente, eu acho que essa é a diferença; mas quando tu consegue o teu objetivo, acho que vai acumulando as tuas alegrias, quando tu consegue, tu explode de felicidade.

C.M – Mais alguma coisa que você queira me contar, relacionar com a sua experiência pessoal com o futsal?

J.M – De tudo, até fui lembrando algumas coisas que eu não lembrava, mas acho que é mais ou menos isso assim, além de ser praticante do futsal já também, já dei aula de futsal para meninas e para meninos, para ambos, e são muito boas, cada um com suas características, mas isso que eu queria.

C.M – Jaque, muito obrigada, qualquer coisa a gente combina outra entrevista.

J.M – Obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]